

São Paulo! – És a epopéia heróica das bandeiras... a cultura, o trabalho, a força que produz... aço novo rasgando a terra em sementeiras, em searas, cafezais em flor, pompeando à luz...

Como o jequitibá das matas brasileiras, dominas tudo! o ideal és tu! És tu a cruz, o ardor da juventude nas trincheiras, e o olhar das nossas mães nas chagas de Jesus...

És seiva, flor e fruto – a bênção que consola... a fartura e o esplendor na graça duma esmola... asilo imenso aberto a todos... templo e altar.

Amo em ti, minha terra, o espírito da raça: sendo grande, és maior nas horas da desgraça, quando entrevês, no sonho, a glória de lutar!

Ciro Costa (1879-1937), São Paulo; de Terra Prometida, 1938

Eno Teodoro Wanke partiu. Chegou-lhe a hora de invulgar jornada, pois esgotou sua terrena estada, restando os sonhos que nela imprimiu.

Fica o monumento que ele erigiu, o tesouro nas letras consumado, patrimônio que o fez consagrado e que com os homens ele repartiu.

Poeta, mestre da trova, escritor, cantou belezas e cantou o amor, desta vida exprimiu o conteúdo...

Virou saudade no meu peito amigo, fazendo parnaso de seu jazigo... Foi ver Deus, porque, aqui, já virá tudo!

Fernando *Sylvio R. de Vasconcelos*, Wanke; em 010530

Vaga em redor de ti uma fulgência, que tanto é sombra quanto mais fulgura: o teu sorriso, que é divino, vence-a, e ela, que é luz de estrela, pouco dura.

De outra não sei que tenha a etérea essência que nos teus olhos brilha: nem a pura linha de arte de tal magnificência, como a que o rosto de anjo te emoldura.

Na candidez ebúrnea do semblante tens um lis de ternura, que desliza à flor da pele em mágoa suavizante.

Não sei que manto celestial arrastas... És como a folha do álamo que a brisa beija e balança ao luar das noites castas.

Alphonsus de Guimaraens (Afonso Henriques da Costa Guimaraens, 1870-1921), por Gladstone Chaves de Melo; 3ª Edição, Agir, 1976

Mais forte que a voz do rei é a voz do homem da rua. O rei passa, passa o rei, mas o povo continua.

Sólón Borges dos Reis, em Fanal, 0106

No coração de quem ama não medre intenso o ciúme, que a briga que atíça a chama é a mesma que apaga o lume.

Fernando Cruz, em Trovaregre 0106

Marajá ganha ordenado que não tem explicação; como é que pode um soldado ganhar mais que um batalhão?!...

Marcílio Nascimento Fernandes, em BI UBT São Paulo 0105

Demônio, mas, também anjo, que os próprios sonhos conduz, é o homem feliz arranjo misto de barro e de luz.

Newton Meier Azevedo, em Koisalinda, 0103

Quem pensar que a igualdade não chega neste hemisfério, deve lembrar da humildade, nivelada em cemitério.

Hildemar de Araújo Costa, em O Grilo, 0104

A praça é tela encantada linda de se contemplar, onde a saudade, sentada, vê a esperança brincar!...

Alfredo de Castro, em BI UBT Magé 0104

Si tú me miras, yo me vuelvo hermosa como la hierba a que bajó el rocío, y desconocerán mi faz gloriosa las altas cañas cuando baje al río.

Tengo vergüenza de mi boca triste, de mi voz rota y mis rodillas rudas. Ahora que me miraste y que viniste, me encontré pobre y me palpé desnuda.

Ninguna piedra en el camino hallaste más desnuda de luz en la alborada que esta mujer a la que levantaste, porque oíste su canto, la mirada.

Yo callaré para que no conozcan mi dicha los que pasan por el llano, en el fulgor que da a mi frente tosca y en la tremolación que hay en mi mano...

Es noche y baja a la hierba el rocío; mírame largo y habla con ternura, ¡que ya mañana al descender al río la que besaste llevará hermosura!

♥ Vergüenza

♥ Gabriela Mistral (Lucila Godoy Alcayaga 1889-1957), de Desolación; Editorial Espasa-Calpe, Madrid, 6ª edición, 1983

Si yo te odiara, mi odio te daría en las palabras, rotundo y seguro; ¡pero te amo y mi amor no se confía a este hablar de los hombres, tan oscuro!

Tú lo quisieras vuelto un alarido, y viene de tan hondo que ha deshecho su quemante raudal, desfallecido, antes de la garganta, antes del pecho.

Estoy lo mismo que estanque colmado y te parezco un surtidor inerte. ¡Todo por mi callar atribulado que es más atroz que el entrar en la muerte!

♥ El Amor que Calla

Como en un libro abierto leo de tus pupilas en el fondo.

¿A qué fingir el labio risas que se desmienten con los ojos?

¡Llora! No te avergüences de confesar que me quisiste un poco. ¡Llora! Nadie nos mira. Ya ves; yo soy un hombre... y también lloro.

Como soy reina y fui mendiga, ahora vivo en puro temblor de que me dejes, y te pregunto, pálida, a cada hora: «¿Estás conmigo aún? ¡Ay, no te alejes!»

Quisiera hacer las marchas sonriendo y confiando ahora que has venido; pero hasta en el dormir estoy temiendo y pregunto entre sueños: «¿No te has ido?»

♥ Desvelada

De lo poco de vida que me resta diera con gusto los mejores años, por saber lo que a otros de mi has hablado.

Y esta vida mortal y de la eterna lo que me toque, si me toca algo, por saber lo que a solas de mi has pensado.

Yo en fin soy ese espíritu, desconocida esencia, perfume misterioso de que es vaso el poeta.

♥ Gustavo Adolfo Bécquer (1836-1870), de Rimas y Leyendas; Plaza y Janés Editores, Bilbao, 2ª edición 1985

Vou-me embora de Pasárgada. Não sou amiga do rei. Nada tenho, nada espero, e não vivo como quero, não vivo e não viverei.

Vou-me embora de Pasárgada. Defendo a sobrevivência porque aqui a existência que era doce está amarga, é uma pesada carga. Tudo é tão inconsequente, tão difícil de entender, uma loucura tamanha que Joana a Louca de Espanha ainda é mais coerente que a hipocrisia evidente dos que detêm o poder.

A elite daqui só pensa em abarrotar o cofre, e já que o crime compensa que importa se o povo sofre.

Banqueiro tem limousine, bancário? nem bicicleta. Não há força que elimine a fraude que se completa com o suborno que impera em CPI de alta esfera. Corrupção anda solta. Isso tudo me revolta, vou comprar ida sem volta pra outro qualquer lugar, não é possível ficar vou-me embora de Pasárgada.

Pasárgada é sofrimento. *Pour Elise*, eu não aguento conviver com esse tormento, repito, juro e sustento: – não sou amiga do rei.

É o trânsito atropelando, é o menor assaltando, a ética descambando, o desemprego aumentando. Vejo criança explorada, velhice não respeitada.

Vou-me embora de Pasárgada. Não sou amiga do rei. Nada tenho, nada espero, e não vivo como quero, não vivo e não viverei.

Trabalhador na porfia do seu pão de cada dia, com filhos pra sustentar, despejado de um porão não tem casa pra morar.

Marretando e marretado tem transporte assegurado em ônibus super... lotado direito do cidadão que adora ser enganado.

Pergunto decepcionada a esse povo maluco: – Paulicéia desvairada onde está o *Non Ducor, Duco?* Que é da autenticidade que havia nesta cidade?

Não sou amiga do rei. Não sou e nunca serei. Sou uma estranha no ninho, uma pedra no caminho da multidão que se apressa. Vou-me embora, tenta pressa. Vou-me embora de Pasárgada.

Mas... se um dia arrepender, quando a saudade apertar, saudade até de sofrer, voltarei pra este lugar, para sonhar e viver na insuperável Pasárgada.

Esher *Githay* Benevides, Vou-me Embora de Pasárgada; 9208

Anoche un fresco a punto de decirme algo – callóse.

Octávio Paz (1914/1998), Próximo Lejano: de Lo Mejor de Octávio Paz – El Fuego de Cada Día, 1989

Não sei de tudo... gotículas sufocam... que é o mar?

Magda *Regina* Lugon: de Os Limites do Reino, 1993

Água de tormenta poça pacífica berço da lua.

Guta Marques Porto: de No Ombro da Noite, 1992

Muda as folhas vento alegre e traz nova estação.

Guta Marques Porto: de No Ombro da Noite, 1992

Galhos e fios abraçam a esquina na noite fria.

Guta Marques Porto: de No Ombro da Noite, 1992

Quero ser flor no seu livro escondida em primavera.

Magda *Regina* Lugon: de Os Limites do Reino, 1993

Junto a fogueira as labaredas realçam as rugas do velho.

Hazel de São Francisco 980801

Num abraço amigo fez saudade o amor antigo; o chope gelado, o papo melado, e o tempo voltou... o mundo girou...

Já era só mais um beijo só mais um afago só mais uma noite de amor...

O dia clareou com ele a mente e o presente chegou a realidade também no braço amigo só a saudade do amor antigo!

Jairo de Mattos, Amor Antigo

A graça e o tempo na alma do carvão talham diamantes.

Yeda Prates Bernis, em Linguagem Viva, 0103

A tal tomara que caia é um pedaço de saia que de mansinho desmaia na curva do quadril solto. E naquela duna estanca, no bronze sensual da anca, é como a maré que arranca suspiros do mar revolto.

Almir Diniz, Tomara que Caia, em o Grilo 0104

Vão duas meninas de sueter de lã. Cheira a éter. Ondas de colinas.

Guilherme de *Andrade* e Almeida (1890-1969), Campos de Jordão; em Haicais Completos (Seleção Francisco Handa), 1996

Amanhece. A névoa fina vai aos poucos se extinguindo... e o sol, varrendo a neblina, mostra Friburgo... sorrindo!

Daniel de Carvalho, em Fonte de Letras, 0105 fontedelettras@bol.com.br

Luiz Otávio – o baluarte da trova em que ele se espelha, se eterniza e se reparte em nossa rosa vermelha.

Cidoca da Silva Velho, de Cantigas do Entardecer.

Se queres ter algum brilho em vez de troféus, medalhas, mostra a coragem, meu filho, de reparar tuas falhas!

Lourdes Regina F. Gutbrod; em CI de Trovas Elos Clube do Grande ABC, 2000

Uma vaidade arrogante bem merece a hipocrisia intencional e farsante da mentira que a elogia.

Sebas Sundfeld; em CI de Trovas Elos Clube de São Paulo, 2000

Inda veremos, nas liças, outros horrores insanos, por causa das injustiças e dos delitos humanos!

Aloisio Bezerra

Enorme canhão, o arranha-céu acompanha o voo do avião.

Guilherme de *Andrade* e Almeida (1890-1969), Progresso?; em Haicais Completos (Seleção Francisco Handa), 1996

Arria as bandeiras brancas, pendões de ingenuidade, que a paz que querem dar a teus soldados é sempre um catifeiro.

Dom Pedro Maria Casaldáliga *Pla*, Canavial Florido; de Cantigas Menores, 1979

Na noite gelada, ao longe, o uivo de um cão. Dois na solidão.

Alberto Murata 980801

Na noite o sereno é um belo moreno que vem me espreitar com seu manto escuro seu andar tão seguro já me faz sonhar seu corpo fazeiro seu olhar tão brejeiro me faz namorar seu beijinho trouxe seus lábios doces e faz delirar é pena... que a noite já finda levando...

sua imagem tão linda fazendo... meu sonho acabar!

Doroni Hilgenberg, Sonhando; em O Grilo, 0104

UÍSQUE LECO

O único uísque feito de cana! Você sabia que 9 entre 10 desempregados preferem Uísque Leco? Leco lhes dá a nítida sensação de terem emprego, casa própria, plano de saúde, carro do ano e mulher bonita.



UÍSQUE LECO

Para o homem que sabe exatamente o que quer, mas que ainda não perdeu a esperança.

Agora também na Internet!
www.jornallico.hpg.com.br



LEÃO: SIGNO DO FOGO

Leão é quinto signo do zodíaco (22 de julho a 22 de agosto); é regido pelo Sol e o seu elemento é o fogo. O signo complementar de Leão é Aquário; seu oposto é Virgem.

As principais características do signo de Leão são: determinação, vaidade e a ambição

Help! Multi Mídia Estádio HMI 018

Leão 24.07 a 23.08

Personagem típico:

Le Cid, drama (1637), de Pierre Corneille (1606-1684)

The Brazilian Living Webster
Encyclopedic Dictionary
of the English Language 1973

TEMAS DA SAZÃO (QUIDAI) INVERNO		
Pipoca quenteinha. O pipoqueiro vendendo. Relembro a infância. Albertina C. G. dos Santos	Azaleia florida, bem no meio do jardim... Sol, cor e perfume! Hermoclydes S. Franco	No jardim sem flor algo no verde gramado: crescendo um morango! Mariemy Tokumu
Fruta diferente: lindas bagas amarelas. Néspera gostosa! Alda Corrêa M. Moreira	Céu tristonho e frio! De companhia na rua, samente a garoa. Humberto Del Maestro	Beira da estrada, morango a um real, é pão de amanhã! Nadyr Leme Ganzert
Ida ao cinema - escuro solitário pipoca gostosa. Carlos Roque B. de Jesus	Vestido a rigor um urubu-rei comanda a limpeza geral. João Elias dos Santos	Águas se vão minguam e o rio minguante esboça pedras do caminho. Nilton Manoel Teixeira
Barriga vazia só migalhas de aipim no prato vazio. Dercy de Freitas † 001021	E a conversa cessa. Bocas cheias de pipocas recém estaladas. José N. Reis	Bolo de morangos. Vozes em volta da mesa. Um ano mais velha! Olga Amorim
Sol aquece o dia, garfo fina destoa... Madraça fina. Fernando L. A. Soares	A porta de asilo, balcão cheio de nésperas douradas! Leonilda H. Justus	Cheirinho gostoso! Nésperas bem maduras... abelhas rondando. Olga dos Santos Bussade
Descida da estrada, doce bolinhos de aipim acendem a gula! Fernando Ribeiro da Cruz	Chispas vão aos céus... Fogem da fogueira e somem em busca de Zeus. Luis Koshitiro Tokutake	Pipoca pulando é milho que se transforma. Que filme gostoso. Raphael Patricio de Barros
Tomada de flores azaleia deita cores, nas margens das ruas. Fernando Vasconcelos	Numa só mordida, explosão na minha boca da doce pitanga! M. U. Moncam	O verde das folhas. Fome. Saliva na boca. Acelga no prato. Roberto Resende Vilela
Dinheiro nas mãos. Funcionários comemoram o Dia do Bancário. Franciella Silva	O alho no ponto, verde brócolis florido. Saliva na boca. Manoel F. Menendez	Sob as verdes folhas nesta terra dura e escura o gostoso aipim! Sandra Parangá
No verde das folhas vermelhas como o café... Pitangas maduras! Guim Ga	Do céu tomba o céu, a geada congelada. Paisagem branca. Marcelino R. de Pontes	Na panela ao fogo, espoca o milho em pipoca. Criança feliz! Santos Teodósio
Dia do Bancário. O descanso sem cifrões. Contemplar o sol. Haroldo R. Castro	Doce e madura. Pendendo dos galhos... Gosto de néspera. Maria Helena C. S. Siqueira	Em plena clareira, fumaça indica ameaça. Crepita a fogueira Sérgio Serra

SELEÇÕES MENSAIS

FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAICUS

Remeter até 30.08.01, quigos à escolha:
Dia do Motorista, Macaxeira, Micum.

Remeter até 30.09.01, quigos à escolha:
Dia do Estudante, Neve, Poinsetia.

Fazer um haicu é como tirar uma foto ou filmar. Vemos o quigo – palavra da sazão – (focalizamos), sentimos o satori ou “consciência de si”, com a mente vazia, isto é, sem preconceitos (fotografamos ou filmamos) e escrevemos esse registro limpo de uma sensação ou percepção (revelamos), compondo assim um haicu por conter o quidai, tema da estação, através de *seu assunto principal*, o quigo. O haicu deve ser narrado no instante da ocorrência e à vista do quigo, com 5-7-5 sílabas poéticas (sons) com um corte (ou brecha) após o 1º ou 2º verso, mas de forma tal que o leitor não se “perca” no relacionamento de ambas as partes, nem estas estejam por demais relacionadas. O haicu conterá ainda sutis sugestões que o leitor perceberá por si mesmo, sem a aparente explicação do autor. Sobre os trabalhos remetidos, quando necessário, orientaremos visando o aperfeiçoamento quanto a melhor percepção do haicu. Enviar para:

Manoel Fernandes Menendez
Praça Marechal Deodoro 439, Apto. 132
01150-011 - São Paulo, SP

1. Preencher até três haicus, (veja quigos acima, à escolha) em uma única ½ folha de papel, com nome, endereço e assinatura. Despachá-la normalmente pelo correio com nome e endereço do remetente, até o dia 30 do respectivo mês. Pode ser usado também sinônimos *corretos* dos respectivos quigos – palavras da estação, ou seja, sinônimos referentes à natureza.
2. Posteriormente o haicuista receberá, devidamente numerada, a relação dos haicus desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), além de selecionar 10% deles.
3. Sete dias após remessa do rol para escolha, o haicuista enviará seus votos numa folha, para apuração do resultado. A folha conterá, respectivamente, o nome do haicuista selecionador (em cima e à direita do papel) e, em seguida, um abaxio do voto, o número e o texto de cada haicu assim escolhido. Não se escolherá haicus de própria lavra, pois serão anulados, bem como os que forem destinados a haicus cujo autor deixar de votar.
4. O resultado (somatório de todos os votos assim enviados), será dado por volta do dia 10 do mês seguinte.

HAICUS EM FOLHA		
Nas asas do vento, a noite traz em seu bojo o odor de jasmim. Elen de Novaes Felix	Com pena e cocar, cara pintada desfila. É Dia do Índio. Cecy Tupinambá Ulhôa	Sem pedir passagem, um perfume de jasmim atravessa a noite... Renata Paocola
Olhinhos atentos, nas mãos que dançam na lama... fogo o caranguejo. Elen de Novaes Felix	No manguê barrento, os caranguejos se agitam... Festival de pinças! Amália Marie G. Bornheim	Nos brancos jasmims, cheirosas gotas de orvalho brilham sobre estrelas... Amália Marie G. Bornheim
Corpo pintado e alma triste. A história mudou... Ercy M. M. de Faria	Perfume agradável entrando pela janela. Tem jasmim por perto... Cecy Tupinambá Ulhôa	Além do jardim o perfume se espalhando... Jasmineiro em flor. Alba Christina
Boca do buraco, o caranguejo assustado arrisca um olhar... João Batista Serra	No vaso da sala, jasmims perfumam a casa... Castiçais de luz! Amália Marie G. Bornheim	Em plena floresta reside a alma do Brasil é Dia do Índio. Elen de Novaes Felix
Jasmim perfumado, entre outras flores cheirosas, atraí beija-flor... João Batista Serra	Uma estrela branca, sem brilho mas com perfume. Que lindo jasmim! Djalda Winter Santos	Mangues poluídos... Caranguejos sobre os troncos morrendo de fome. Maria Madalena Ferreira
Num escudo-escudo, jasmim e raio de sol saíram o dia... Ercy M. M. de Faria	A pequena tribo saindo enfeitada da escola no Dia do Índio. Regina Célia de Andrade	recebendo os convidados, vaso de jasmims. Alba Christina
Jasmineiro em flor seduz a brisa noturna. Lua enciumada. Maria Madalena Ferreira	A noite, na praia, pequenas sombras na areia. Serão caranguejos? Djalda Winter Santos	Jasmim solitário vagueia no céu escuro Zagal vigilante. Walma da Costa Barros
No fundo da lama caranguejo faz morada. Ironia da sorte. Regina Célia de Andrade	A moça e o jasmim vão deixando pela vida perfume de flor. Regina Célia de Andrade	Jasmim florescendo. Minha casa perfumada. Presente divino! Ailson Cardoso de Oliveira
Caranguejo no sapato. Pulo inesperado. Analice Feitoza de Lima	Homens semi-nus desfilam na avenida. É Dia do Índio. Helvécio Durso	Caranguejos vivos meguilham na água fervente... batidas nos pratos... Anita Thomaz Folmann
Na lama do manguê, calça arreçada, o homem pescava caranguejo. Maria Reamatato Labruciano	Doenças na aldeia papé para infusões no Dia do Índio... Darly O. Barros	Trombetas a postos os jasmims dão o ar da graça perfumando as ruas. Darly O. Barros

CLASSIFICANDO OS TERCETOS INDEPENDENTES

Manoel Fernandes Menendez

Podemos chamar de **trevo** todos os *tercetos independentes*: → → → → →
O trevo guilhermano rima versos de 5 sílabas e, o do meio, de 7 sílabas, a 2ª com a 7ª.

O trevo senriu à ocidental é conceitual, filosófico... – é um trevo à moda ocidental.

Os trevos *senriu*, *haicu de sação vaga* e, simplesmente, *haicu* (único a conter quigo), são sempre “**aquí e agora**” – **não conceituais, sendo**:

- trevo senriu ou personagem, *não filosófico*, expressa os sentimentos e impressões do povo no seu dia a dia;
- trevo haicu de sação indeterminada (*aborda a natureza sem situar a estação*);
- trevo haicu, poesia pura – (*o quigo, situa a estação em que o poeta está*).

O trevo haicu é, provavelmente, a mais antiga poesia moderna do mundo e o simbolizamos pelo ipê.

Trevo senriu à ocidental ou trevo ocidental:

Dia do Bancário:
num dia a soma da vida
contando os centavos...
Mariemy Tokumu

Dia do Trovador:
em cima do achado a rima
toça o sinal do amor!
João Elias dos Santos

Trevo senriu ou trevo personagem:

Primeiro de julho.
Os amigos reunidos
festejam a data.
Olga dos Santos Bussade

Faixa num colégio,
no Dia do Trovador:
“Trova exige técnica!”
Leonilda Hilgenberg Justus

Trevo haicu de sação vaga ou trevo haicu subentendido:

Colônia de férias:
bancários no litoral
distantes dos números.
Olga Amorim

Quadra prometida
para o Dia do Trovador
no rigor da métrica.
Manoel Fernandes Menendez

Trevo haicu:

Quigos vivenciais de inverno:
Velho bancário,
feliz no um de julho.
Filhos criados.
Nadyr Leme Ganzert

Dia do Trovador.
Da janela do trem vejo
diversos poemas...
Mariemy Tokumu SF 9810

A M O R T E D E S A N T O S D U M O N T

Relato de Raimundo de Menezes em A Gazeta 820709

São Paulo, 14 de Julho de 1932

Meus patricios.

Solicitado pelos meus conterrâneos mineiros moradores neste Estado, para subscrever uma mensagem que reivindicava a ordem constitucional do paiz, não me é dado, por motivo de molestia, sahir do refugio á que forçadamente me acolhi, mas posso ainda por estas palavras escriptas afirmar-lhes, não só o meu inteiro applauso, como também o apello de quem, tendo sempre visado a gloria da sua Patria dentro do progresso harmonico da humanidade, julga poder dirigir-se em geral á todos os seus patricios, cómo um crente sincero em que os problemas da ordem politica e economica que ora se debatem, somente dentro da lei magna poderão ser resolvidos, de forma a conduzir a nossa Patria á superior finalidade dos seus altos destinos.

Viva o Brazil Unido!

Santos=Dumont.

Apelo de próprio punho de Alberto Santos Dumont (1873-1932) dirigido aos seus patricios, aplaudindo o movimento em prol de constitucionalização da nossa Pátria. (A Gazeta, 820709)

Às 17h30 do dia 23 de julho de 1932 o escritor Raimundo de Menezes, então comissário de policia em Santos, recebeu uma estranha solicitação: amigos de Santos Du-

mont, que urgente comparecimento ao local. O inventor trancara-se num banheiro do hotel *La Plage* e não respondia aos chamados dos companheiros.

Raimundo reuniu alguns guardas-civís e cruzou o canal, chegando de noite ao continente. No *La Plage* os amigos esperavam aprensivos. Depois de verificar completo silêncio no interior do banheiro, o comissário ordenou que um de seus homens observasse o que estava ocorrendo, por uma pequena clarabóia. E veio a terrível constatação: o corpo de Santos Dumont pendia, enforcado, do cano do chuveiro. Estava morto o grande brasileiro, vítima direta dos repetidos ataques da aviação ditatorial às guarnições constitucionais costeiras, como se soube mais tarde.

O escritor conta que Santos Dumont, vestido com um roupão de banho, estava pálido, magérrimo, pesando “não mais de 35 quilos”. Não se sabe direito se ele utilizou para o laço uma gravata ou o cinto desse roupão. O corpo foi transferido para Santos e logo depois a família chegou. Os familiares pediram que se evitasse alarde nos jornais, e que a policia dissesse que a morte fora natural. O pedido foi ratificado pelo próprio chefe de Policia de São Paulo, Tirso Martins: o País não deveria saber, pelo menos enquanto durasse o luto amargo, que Santos Dumont se suicidara. Por isto foi ordenado ao legista que elaborasse um laudo “especial”.

Mesmo assim, considerando o fato demasiadamente grave, Raimundo de Menezes tomou, em sigilo, os depoimentos de vários dos que acompanhavam Santos Dumont em seus últimos dias. Soube que o inventor vivia uma crise de profunda depressão, estado que chegou ao limite do suportável quando começou a Luta Constitucionalista.

No dia 23 de julho, passeando pela praia com seu amigo Edu Chaves, o grande aviador

Santos Dumont assistiu ao sobrevôo de um grupo de aviões da ditadura sobre a barra. A esquadilha ia bombardear novamente, o Forte Itaipu. Isto teria sido a gota d’água: desesperado, o inventor foi para o *La Plage*, para a morte.

TENSÃO

De fato, conforme Raimundo de Menezes, o clima na Baixada Santista era insuportável nos dias da Revolução. Um ataque dos ditatoriais (um simples bombardeio da cidade ou até um desembarque de tropas) era uma possibilidade real, próxima. O porto estava bloqueado, podiam ver, e os santistas do largo, os cargueiros que esperavam autorização de entrada e a patrulha constante dos cruzadores ditatoriais: pelo porto, São Paulo não receberia nenhum grama de pólvora.

Como se isto não bastasse, os operários do porto eram getulistas em virtude das leis

trabalhistas da ditadura e ameaçavam “explodir”. Durante a luta armada, sem trabalho em razão do bloqueio eles foram mantidos

quietos no bairro do Macuco, recebendo diariamente painéis de comida da Cruz Vermelha. Quando São Paulo capitulou, veio, afinal a explosão, e eles “desceram” para a cidade, dispostos a linchar os constitucionais, particularmente os delegados, como lembra Raimundo de Menezes. Raimundo veio para São Paulo graças a um salvo-conduto feito às pressas, com nome trocado.

O historiador, biógrafo e dicionarista, Raimundo de Menezes, nasceu em Fortaleza, Ceará, em 1903 (*faleceu em 840114*) e sempre foi um apaixonado por São Paulo, aqui tendo chegado aos 24 anos. Advogado, foi feito comissário de policia aos 29 anos; em 1970, com um vasto curriculo literário (que incluiu, entre outras coisas, as *Memórias de Sherlock* publicadas pela *Folha de São Paulo*), assumiu a cadeira vaga de Guilherme de Almeida na Academia Paulista de Letras (*Cadeira 22, a seguir ocupada por Odilon Nogueira de Matos*). Conta que o Brasil só soube da causa real da morte de Santos Dumont quando um repórter da revista carioca *Eu Sei Tudo* o entrevistou, quase um ano depois do fato.